

O PENSAMENTO ÉTICO-POLÍTICO DE GYÖRGY LUKÁCS: SOBRE A DEMOCRACIA DA VIDA COTIDIANA

Sandro de Mello Justo¹

RESUMO

O presente artigo – parte de nossa tese de doutorado ainda em desenvolvimento – traz como objeto central o pensamento ético-político de György Lukács. Para a análise deste objeto, nos debruçamos sobre textos do Lukács maduro verificando como o pensador, ao desenvolver seu pensamento dialético, constrói reflexões ético-políticas extremamente densas e permeadas por diversas mediações. Podemos dizer que o conceito central do pensamento ético-político do Lukács maduro é democracia da vida cotidiana. Por sua vez, tal conceito traz em si a expressão do que seria caro para o filósofo marxista durante toda a sua vida, especialmente na maturidade: a unidade entre vida individual e vida genérica.

Palavras-chave: democracia da vida cotidiana, indivíduo, gênero.

ABSTRACT

The present article - part of our doctoral thesis still in development - brings like central object the ethico-political thought of György Lukács. For the analysis of this object, we focus on mature Lukács texts verifying how the thinker, in developing his dialectical thinking, constructs extremely dense ethical-political reflections permeated by various mediations. We can say that the central concept of Lukács's ethical-political thinking is the democracy of daily life. This concept in turn carries the expression of what would be dear to the Marxist philosopher throughout his life, especially in maturity: the unity between individual life and generic life.

Keywords: democracy of everyday life, individual, gender.

¹ UFRJ; Colégio Pedro II.

Netto (2011), ao analisar o pensamento político de György Lukács, afirma que, no pós-1956, o pensador húngaro atinge o ponto culminante de suas reflexões políticas, reflexões estas que tinham como eixo a defesa de uma democracia socialista capaz de reconverter as sociedades soviética e do Leste europeu em formas societárias compatíveis com o projeto emancipatório que movimentou o pensamento marxiano e marxista antes de sua perversão pelo sectarismo e pelo dogmatismo. Após o XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética e embalado pela convicção de que seria possível, agora, uma autorreforma do socialismo, Lukács expõe suas considerações políticas sempre voltadas para a crítica ao stalinismo (sem reduzi-las jamais ao chamado “culto à personalidade”) e às alternativas equivocadas que se apresentavam tendo como figura principal a restauração da democracia burguesa. Neste sentido, podemos dizer que os textos políticos de Lukács no pós-1956 testemunham uma trincheira pelo que ele tratou como democracia socialista e pela luta contra o stalinismo e suas consequências.

Uma observação faz-se necessária: seria um erro crer que em Lukács podemos visualizar a política enquanto um objeto de análise possuinte de legalidades próprias, algo que em outros pensadores marxistas, como Antonio Gramsci, se mostra presente. Porém, também ocorreríamos em grave equívoco caso acreditássemos que o pensamento de Lukács não possui uma dimensão política (e não falamos aqui somente de sua fase madura). O intelectual húngaro não nos deixou uma teoria política, mas sem dúvidas nos deixou um conjunto vasto de reflexões imbuídas de dimensões políticas. Em outros termos, Lukács não foi um pensador da política, mas foi um pensador político (NETTO, 2011).

Singularidade tática e universalidade estratégica: a dialética de um pensamento político

Em 28 de junho de 1956, Lukács apresenta na Academia Política do Partido Comunista Húngaro a conferência *A luta entre progresso e reação na cultura contemporânea*. Na sequência do XX Congresso do PCUS, com seu conhecido Relatório Krushev, os Estados socialistas passaram por imensa efervescência política catalisando anseios democráticos; na Hungria não foi diferente, havendo, assim, grandes mobilizações populares que acabaram por alavancar uma crise do Partido Comunista Húngaro e a consequente queda do regime de Rakosi. Em outubro constitui-se um novo

ministério, liderado por Imre Nagy, que tinha como objetivo redemocratizar o país e refundar o Partido. Lukacs participou ativamente desta experiência assumindo o Ministério da Cultura e participando da comissão encarregada de dar as novas diretrizes da formao partidária. No entanto, após a aprovao do Partido pela saída da Hungria do Pacto de Varsóvia – ao que Lukacs se opôs -, a revoluo acabou sendo asfixiada pelas tropas soviéticas; o filósofo marxista se exila na embaixada da Iugoslávia e logo depois  deportado para a Romnia onde permaneceu preso.

Lukacs realiza a conferência mencionada meses antes do esmagamento da revoluo húngara, algo que, a nosso ver,  uma informao necessária para compreendermos o otimismo do autor para com a possibilidade de autorreforma do socialismo aberta pela denúncia em 1956 dos crimes cometidos pela autocracia stalinista.

As consideraes de *A luta entre progresso e reao na cultura contemporânea* se iniciam com o pensador húngaro expondo que os tempos atuais se caracterizam pela contraposio entre dois mundos: o capitalismo e o socialismo. Lukacs indaga se seria possível transpor esta contraposio de forma imediata e direta para o plano concreto, ou seja, levanta uma questão prática que, por ser prática,  dialética. Para substanciar o problema, Lukacs recorre a Lênin quando este, ao debater sobre o parlamentarismo em *Esquerdismo: doença infantil do comunismo*, defende que existe uma diferença entre o fato deste estar superado no plano histórico-universal e o processo prático (longo e mediado) de sua superao. E, dando o tom de seus posicionamentos, o pensador húngaro recorre novamente ao líder bolchevique afirmando que o mesmo sempre se colocou contrário  concepo de que a sociedade se dividia simplesmente em dois campos: o do progresso (o campo da revoluo socialista) e o da reao (imperialismo); Lukacs nos lembra que Lênin afirmava que esta posio era obtusa e que quem a defendia renunciava  revoluo socialista.

O debate que o filósofo húngaro promove  sobre o fato de parte e todo (ou, questões táticas cotidianas e elementos histórico-universais) relacionarem-se muitas vezes de forma contraditória fazendo com que, em certa medida, as partes se contraponham ao todo. Vejamos a seguinte passagem da conferência:

Dentre as várias afirmaes deste gênero de Lenin, gostaria de citar uma que também se relaciona a esta questão. Segundo ele, as instâncias democráticas *singulares* encontram-se diante das instâncias do movimento mundial *genericamente* democrático (hoje, genericamente socialista) do mesmo modo como as partes se encontram diante do todo; mas, também neste caso, a parte não  mecanicamente subordinada ao

todo. Entre parte e todo pode surgir uma infinidade de contradições. É possível que, em determinados casos, a parte se oponha ao todo (LUKÁCS, 2011, p. 57 grifos nossos)

E, poucos momentos depois, Lukács (2011) diz:

Se, do que dissemos até aqui, quisermos extrair consequências válidas para nossa problemática atual, devemos dizer que as verdades histórico-universais do marxismo se afirmam dialeticamente, de tal modo que é possível não só uma *oposição* entre uma ação tática imediata absolutamente necessária e os princípios teóricos gerais e histórico-universais, mas que isso pode ocorrer até mesmo no interior de nossa própria estratégia (p. 58)

De forma sintética, podemos dizer que o que Lukács defende aqui é a coexistência pacífica entre capitalismo e socialismo seguindo as linhas gerais do que ele chamou de “nova democracia”, como já sinalizamos anteriormente. O autor, no imediato pós-guerra de 1946, moveu forças pela unidade entre sociais-democratas e comunistas na direção de uma democracia popular. O recrudescimento da autocracia stalinista no final dos anos de 1940, o fortalecimento do poder estatal-partidário promovido no leste europeu pelos stalinistas e a retomada do belicismo com a Guerra Fria jogaram por terra as esperanças de Lukács expostas a partir de seu retorno à Hungria em 1945. Porém, com a possibilidade de “desestalinização” dos países socialistas aberta pelo XX Congresso do PCUS, um novo otimismo surgia no filósofo marxista.

Como podemos verificar nas passagens acima, Lukács lança mão de dois elementos para substanciar seu posicionamento: a dialética marxiana e o realismo político de Lênin (construído a partir da assimilação desta dialética). Negando as tendências sectárias e dogmáticas, Lukács faz a defesa do pensamento dialético enquanto matriz indispensável para se analisar o movimento do real. A nosso ver, o autor reclama as considerações de Lênin para expor a dialética que envolve as relações entre o singular e o universal, relações estas mediadas por uma malha complexa de contradições e muito bem exemplificadas nas reflexões do líder bolchevique acerca do parlamentarismo: a estratégia histórico-universal dos comunistas é a supressão do Estado, mas as ações táticas não podem negar a participação no parlamento; trata-se de polos inconciliáveis para uma concepção mecanicista e simplificadora da realidade, mas, para uma concepção dialética, trata-se de uma formulação plena de sentido. Para o pensador de Budapeste, toda tentativa de se compreender mecanicamente a relação entre a singularidade das ações táticas e a universalidade da estratégia acaba por inviabilizar a análise concreta de

situações concretas e, assim, reduz-se a complexidade contraditória do real a um amontoado de fraseologias dogmáticas e sectárias. Lukács, portanto, busca aproximar-se de categorias dialéticas como singularidade, universalidade, contradição e mediação em sua análise política e isto, como veremos, irá se expressar em seu pensamento ético.

Ao prosseguir com suas análises, Lukács se concentra de forma considerável na crítica ao stalinismo. Para o autor, um dos grandes exemplos de sectarismo perpetrados por Stalin foi a conhecida política de “classe contra classe” que, por sua vez, inviabilizou a formação de uma frente democrática antifascista até 1935². Indo na contramão da visão dialética de Lênin, “o enorme erro de Stalin derivava, sem dúvida, do fato de ele não reconhecer o caráter contraditório desses grandes problemas estratégicos” (LUKÁCS, 2011, p. 59). No sentido desta crítica ao dogmatismo e sectarismo do período stalinista, Lukács afirma que as ações táticas a serem defendidas devem girar em torno de críticas iminentes às teorias e ideologias contrárias ao marxismo e não do rechaço imediato (sectarismo) pelo fato de sua origem de classe não condizer com os pressupostos de Marx. E é neste viés antissectário e antidogmático que o pensador húngaro defenderá sua tese acerca da coexistência pacífica entre capitalismo e socialismo.

Para ele, é possível que as duas formas sociais coexistam cada uma à sua maneira e é necessário que o mundo socialista conviva em paz com o mundo burguês estabelecendo relações com o mesmo. E diz: “A afirmação do princípio da coexistência está, portanto, intimamente ligada à nossa firme convicção da vitória final do socialismo” (LUKÁCS, 2011, p. 62). Tal convicção, além de ser uma amostra do otimismo lukaesiano, se sustenta noutra convicção do autor, a qual já nos referimos: a certeza de que a principal ação tática necessária naquele momento seria a batalha ideológica. Lukács (2011) considerava que um maior estreitamento das relações entre o mundo socialista e o capitalista acabaria por auxiliar na vitória deste último em âmbito internacional, pois pressupunha que a influência ideológica dos comunistas no interior das contradições dialéticas do capital tinha o potencial de catalisar as mesmas conduzindo, assim, o mundo ocidental à transição socialista. Carece em Lukács qualquer análise acerca da estrutura econômica do capitalismo de sua época e qualquer consideração sobre a capacidade deste sistema em se autorreformular; o otimismo com a autorreforma do socialismo era tão grande

² A perspectiva de classe contra classe, que tinha como um dos seus motes principais a máxima staliniana de que “a socialdemocracia é irmã gêmea do fascismo”, foi criada no VI Congresso da Internacional Comunista (julho-setembro de 1928), substituindo a “frente única proletária” e retomando a luta pela ditadura do proletariado. Foi superada no VII Congresso (julho-agosto de 1935) com a formação das frentes populares antifascistas.

que lhe escapou uma reflexão sobre uma possível renovação estrutural do capitalismo. Neste sentido, com a plena certeza da vitória final do regime socialista, György Lukács mostra uma confiança exacerbada na luta ideológica. Não obstante este otimismo, o que nos parece central, tendo em vista nossos fins, é visualizar o caráter dialético das premissas lukacsianas no que tange esta luta pelas ideias.

Lukács considerava que a ideologia burguesa estava em crise; mas não cria que ela feneceria por si só e sim que os comunistas deveriam derrotá-la. Neste passo, além das premissas já expostas, o autor não tinha dúvidas de que o campo da arte se apresentava enquanto terreno fértil para esta derrocada. Ao juízo de Lukács, a forma como os comunistas vinham realizando a crítica artística era deveras problemática; a seu ver, a crítica em voga era caracterizada por três elementos centrais: 1) A concepção de que o realismo socialista expressa o fim do período do realismo crítico; 2) A formulação dogmática e sectária sobre a decadência da arte burguesa concebendo, por exemplo, Thomas Mann como escritor decadente; 3) A prática de estabelecer opiniões acerca dos escritores e obras através de critérios políticos³. O filósofo húngaro, lançando mão de alguns exemplos⁴, considera que a arte decadente, assim como a filosofia burguesa, estaria passando por uma crise. Todavia, a forma pela qual os comunistas elaboravam suas críticas artísticas não contribuía no sentido que Lukács achava ser o necessário para a superação da decadência da arte: o autor defendia uma crítica que - não sendo sectária e dogmática – fosse capaz de assimilar o que de melhor a arte burguesa produziu. Neste ponto, rechaçar o realismo crítico deveria ser inaceitável.

Desta forma, Lukács (2011) diz:

É tarefa do marxismo examinar todo o campo da literatura e da arte, julgar as obras sem preconceitos, a partir do ponto de vista da coexistência, da estratégia contemporânea, e de apoiar e ajudar, mediante a crítica marxista, todo movimento progressista verdadeiro e

³ Como exemplo didático para esclarecer a crítica de Lukács, cabe mencionar: “Acode-me à lembrança um episódio ocorrido na União Soviética: o realista burguês Sinclair Lewis, declaradamente progressista, num de seus romances – em nada excepcional – elabora a caricatura de uma funcionária comunista, parodiando as suas expressões sectárias e artificiosas; apesar disso, ela é apresentada pelo escritor como uma mulher corajosa, honesta, firme em suas ideias. Mas a paródia custou a Sinclair Lewis a exclusão da lista dos escritores progressistas e a sistemática ignorância das suas obras” (LUKÁCS, 2011, p. 76).

⁴ Para citar alguns: Lukács (2011) diz que Theodor Adorno, um dos principais estetas musicais e entusiasta até então da música decadente, escrevera um texto assumindo seu declínio; Karl Hofer, um importante representante da pintura alemã, expunha posições totalmente antiabstracionistas; Camus, um escritor decididamente de direita e que na literatura compunha a ala dos vanguardistas e modernistas, escrevera, sobre a obra de Roger Martin du Gard, que, enquanto este evoca figuras típicas, os vanguardistas evocam apenas sombras patéticas e caricaturais.

atual [...] Nossa crítica, pretensamente marxista, operava com posições extremas e seus juízos unicamente eram ou o elogio ou a total condenação; por isso, não favorecia, obviamente, o processo de *mediação* já em curso, mas, ao contrário, empurrava ainda mais para o campo da reação aqueles que talvez ainda estivessem animados pela intenção de aproximar-se de nós (p. 78 grifos nossos)

Já pontuamos a utilização de categorias dialéticas na exposição de Lukács. Seguindo esta observação, entendemos que “mediação” não aparece aqui como simples termo, mas como expressão categorial da dialética lukacsiana. A nosso ver, é através da categoria de mediação que o filósofo húngaro pensa as contradições existentes na relação entre ações táticas singulares e estratégia histórico-universal, socialismo e capitalismo em coexistência pacífica e entre o realismo socialista e a arte burguesa. O contrário deste pensamento dialético caracterizado por mediações, ou seja, por relações contraditórias de continuidade e ruptura, seria o sectarismo dogmático e é por isso que Lukács volta-se contra ele advertindo:

Os camaradas que persistirem no dogmatismo staliniano oferecem, involuntária, mas objetivamente, uma ajuda à burguesia, confirmando as ideias dela segundo as quais a ditadura do proletariado seria incompatível com a democracia, com a liberdade, com a legalidade, que o marxismo seria uma coleção de dogmas, que a ideologia socialista seria incapaz de fomentar criadoramente a ciência e a arte etc. Sabemos que os camaradas que, por décadas, foram prisioneiros do sectarismo e do dogmatismo não desejam isso. Mas também sabemos, como marxistas, que não importa o que os homens desejam: importam as consequências objetivamente dialéticas dos seus pontos de vista (LUKÁCS, 2011, p. 79).

O pensamento de Lukács, exposto nesta conferência de 1956, pode ser resumido da seguinte forma: com o XX Congresso do PCUS, abre-se a possibilidade de uma autorreforma do socialismo capaz de promover o triunfo final sobre o capitalismo. No entanto, esta autorreforma não pode ocorrer sob a negação sectária das democracias ocidentais e suas correntes progressistas; para os comunistas, é necessário travar relações com o mundo burguês com o intuito de influir ideologicamente sobre ele e, assim, catalisar sua crise (filosófica e artística) levando-o à derrocada. Para a vitória desta batalha ideológica, o elemento central seria a mediação histórico-concreta entre tática e estratégia: a estratégia de superação do mundo capitalista, porém sob a tática de manter-se em contato com suas correntes democráticas; a estratégia de superação da arte burguesa decadente, porém sob a tática de assimilar os principais expoentes do realismo crítico.

Sendo assim, o que vemos n' *A luta entre progresso e reação na cultura contemporânea*, para além dos erros ou acertos de suas considerações, para além de suas lacunas e otimismo latente, é uma luta pelo pensamento dialético. Se Lukács deposita suas esperanças numa batalha ideológica contra o capitalismo, podemos dizer que, no interior do movimento comunista internacional, sua luta é contra o aleijamento mecanicista do método marxiano promovido pelo stalinismo e, conseqüentemente, pela retomada do seu caráter dialético.

A democracia da vida cotidiana enquanto expressão da eticidade lukacsiana

Em agosto de 1968 as tropas do Pacto de Varsóvia invadiam a Tchecoslováquia para reprimir a tentativa de autorreforma promovida pelo governo comunista. Muito provavelmente, este fato foi um importante motivador para que Lukács escrevesse o texto ao qual voltaremos nossas análises neste momento: *O processo de democratização*, escrito em fins de 1968. Algumas informações são interessantes de serem mencionadas para melhor compreendermos o contexto de sua elaboração.

Segundo testemunhas, logo após a invasão à Tchecoslováquia pelas tropas do Pacto de Varsóvia, o filósofo marxista teria dito que a mesma se tratava de uma tragédia tão grande para o movimento comunista quanto a adesão dos partidos sociais-democratas à Primeira Guerra Mundial em 1914 (COUTINHO, 2011). Também podemos imaginar o impacto deste acontecimento em Lukács a partir do seguinte fato: o autor, considerando a proeminência do tema sobre a democracia, chega a interromper a escrita de sua *Ontologia* para se deter sobre tal questão. Numa carta endereçada a seu editor alemão Frank Benseller, que perguntara sobre o andamento de sua obra ontológica, Lukács diz estar pensando “em escrever um amplo ensaio sobre os problemas ontológico-sociais da democratização (em ambos os sistemas)” (LUKÁCS apud COUTINHO, 2011, p. 34). E numa carta de 23 de setembro, diz: “No momento, ainda não estou trabalhando na revisão da *Ontologia* porque quero ver se sou capaz de formular a questão da democracia para uma publicação menor” (LUKÁCS, apud COUTINHO, 2011, p. 34)⁵. Ou seja: se, como

⁵ Outro fato notório é o que gira em torno à publicação do texto: Coutinho (2011) nos diz que, logo após sua finalização, Lukács chegou a negociar a publicação junto à Editora Riuniti, editora do Partido Comunista Italiano. Lukács escreve ao seu editor alemão em novembro de 1968 autorizando a publicação, mas dizendo que esta só poderia ocorrer após a edição italiana ter sido publicada; “É muito importante que esta [a edição italiana] seja a edição original” (LUKÁCS apud COUTINHO, 2011, p. 34). Tendo em vista que o Partido Comunista Italiano condenou veementemente a invasão à Tchecoslováquia, imaginamos que tal opção de Lukács teve motivações políticas. A publicação em italiano não se efetiva e, então, o

vimos, desde o pós-Segunda Guerra Mundial o problema da democracia já se apresentava para o filósofo enquanto uma questão importante, agora, tendo total ciência de que suas esperanças numa autorreforma do socialismo não se concretizaram, ela definitivamente ocupa o lugar central de suas reflexões políticas.

Não temos dúvida de que *O processo de democratização* apresenta uma síntese do pensamento político do filósofo húngaro em sua maturidade. A nosso ver, podemos dividir o texto em três temas: a crítica à democracia burguesa, a crítica ao stalinismo e a defesa do que Lukács chama de democracia socialista. Por tratar-se de um texto longo, nossa análise irá girar em torno dos elementos que julgamos essenciais a estas questões.

Lukács (2011) inicia seu texto fazendo uma observação importante: na teoria marxista, “o ser-precisamente-assim dos fenômenos histórico-sociais e as leis que os regem, formuláveis em termos universais, não constituem nunca antíteses metodológicas, mas, ao contrário, formam uma indivisível unidade dialética” (p. 84). O autor explicita na parte introdutória de suas reflexões que as relações metodológicas entre as formulações científicas universais (leis) e a concretude cotidiana dos fenômenos formam uma unidade inalienável, o que nos faz perceber que, assim como em *A luta entre progresso e reação na cultura contemporânea*, aqui, o pensamento dialético assume papel fundamental.

Lukács tece breves palavras acerca da relação entre base econômica e democracia na polis grega, apontando que neste contexto a vida privada dos indivíduos (livres) possuía papel secundário e que suas identidades pessoais estavam conjugadas com o sentimento de pertencimento à polis. Para apresentar um contraponto às colocações sobre a antiguidade grega, Lukács, recorrendo à Marx e Engels, analisa o progresso imposto pela burguesia pós-revolução francesa ao estabelecer as relações entre Estado e sociedade civil como puramente sociais e ao engendrar os conceitos de igualdade e liberdade. Citando Engels, o autor húngaro caracteriza o Estado moderno como reino idealizado da burguesia e, assim, retoma as formulações de Marx, presentes em *Sobre a questão judaica*, acerca da dualidade entre *bourgeois* e *citoyen*.

Iasi (2011), voltando-se para a categoria de emancipação política no jovem Marx, afirma que "a emancipação pela mediação do Estado realizada pelo ciclo revolucionário burguês produz, assim, uma cisão pela qual o ser humano passa a possuir uma ‘dupla

pensador húngaro resolve apresentar seu texto à direção do Partido Comunista Húngaro para avaliação. A resposta foi que a publicação poderia ocorrer, mas que Lukács deveria aguardar dez anos para tal. Com 83 anos de idade, era nítido que esta decisão do Partido visava transformar o texto num *post mortem*. Ao fim, a publicação acaba ocorrendo somente em 1985, em alemão, na Hungria.

existência” (p. 51). A análise de Mauro Iasi segue o mesmo caminho que a caracterização engelsiana do Estado burguês enquanto reino idealizado da classe capitalista⁶ na medida em que a “dupla existência” mencionada nada mais é do que a efetivação desta idealização: Lukács se refere à ruptura entre gênero e indivíduo que a relação entre Estado político e sociedade civil edifica a partir da concepção do homem enquanto membro burguês e do *citoyen* como membro político. Neste contexto, o ser genérico do homem acaba sendo associado somente ao Estado político, ou seja, o indivíduo encontra-se preso na ilusão de que o mesmo se torna genérico através do Estado (IASI, 2011). Assim, a “dupla existência” do ser humano se caracteriza por uma genericidade sob forma "celeste", expressa somente no ser abstrato do cidadão político, enquanto que na materialidade da vida "terrena" do homem a mesma cede lugar aos indivíduos particularizados em suas esferas privadas "autônomas", ao *bourgeois*. Para Lukács, este é o fundamento da democracia burguesa: vida individual e vida genérica como uma “dupla existência” antinômica do ser humano:

Mas, com isso, determina-se ao mesmo tempo, de modo preciso, o lugar desta forma burguesa de democracia no grande processo do desenvolvimento da humanidade, da formação do gênero humano, do processo pelo qual o homem se torna homem. Sobre a forma mais geral da situação do homem na democracia burguesa, agora reconhecido em sua concretude, Marx diz que, para ele, os outros homens constituem não a realização, mas o limite de sua liberdade. É esta a realidade social básica do capitalismo, ou seja, o fato de que o sujeito da práxis real na sociedade é o homem egoísta, o homem que, precisamente por isso, não se eleva acima da particularidade [...] a genericidade aqui realizada – ou seja, a vida genérica real do homem – apresenta-se em “oposição à sua vida material” (LUKÁCS, 2011, p. 90).

Em *Sobre a questão judaica*, no intuito de expor como o surgimento da sociedade burguesa trouxe consigo a ideia de *bourgeois* como expressão do homem em si, Marx analisa a *Déclaration des droits de l' homme et du citoyen*, de 1793, proveniente da revolução francesa iniciada em 1789. Sobre o conceito de liberdade, no artigo 6 da *Déclaration* pode-se ler: "a liberdade é o poder que pertence ao homem de fazer tudo

⁶ “Já sabemos, hoje, que esse império da razão não era mais que o império idealizado pela burguesia; que a justiça eterna tomou corpo na justiça burguesa; que a igualdade se reduziu à igualdade burguesa em face da lei; que como um dos direitos mais essenciais do homem foi proclamada a propriedade burguesa; e que o Estado da razão, o "contrato social" de Rousseau, pisou e somente podia pisar o terreno da realidade, convertido na república democrática burguesa. Os grandes pensadores do século XVIII, como todos os seus Predecessores, não podiam romper as fronteiras que sua própria época lhes impunha”. Cf.: *Do socialismo utópico ao socialismo científico*. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/marx/1880/socialismo/index.htm>. Acesso em: 24 de jan. de 2018.

quanto não prejudica os direitos do próximo" (*Déclaration* apud MARX, 2010, p. 48). Sob o olhar do pensador alemão, este conceito de liberdade - que toma como pressuposto o homem como indivíduo burguês - nada mais é do que uma expressão do homem apartado do homem; "trata-se da liberdade do homem como mônada isolada recolhida dentro de si mesma" (MARX, 2010, p. 49).

É nítido o paralelo que as reflexões lukacsianas traçam com as concepções de Marx expostas acima. E também nos é clara a íntima relação que a passagem de *O processo de democratização* citada em linhas anteriores possui com a oposição entre gênero em-si e gênero para-si presente em *Para uma ontologia do ser social*: quando Lukács fala, aqui, sobre a vida genérica humana tornada oposta à vida material dos indivíduos sob o capital, ele, a nosso ver, desenvolve a mesma reflexão da *Ontologia* acerca de um gênero humano constituído em seu ser-em-si, mas ainda não consciente de si mesmo. Neste passo, podemos dizer que, aos olhos do filósofo húngaro, a democracia burguesa expressa uma vida genérica que se faz obstáculo para a vida individual e não sua própria realização autêntica.

Dando prosseguimento à análise que caracterizaria, posteriormente, as reflexões sobre gênero em-si e gênero para-si na *Ontologia*, Lukács (2011) destaca que no capitalismo estamos diante de uma sociedade altamente socializada, ou seja, "trata-se de uma realização da genericidade humana *em si*" (p. 98). No entanto, o filósofo não deixa de pontuar que esta mesma sociedade que promove o ser-em-si do gênero humano também promove contradições insuperáveis caracterizando-se como uma sociedade na qual "o homem, por motivos econômicos necessários, não pode elevar-se, em sua dimensão social, à verdadeira genericidade, ao verdadeiro ser-homem" (p. 98). Lukács não fala nestas passagens sobre a ética; não obstante, sabendo que em sua grande obra ontológica a ética, como vimos, é o objeto central do gênero para-si - ou, se preferirmos: o objeto central da "verdadeira genericidade", do "verdadeiro ser-homem" -, estamos convencidos de que tais reflexões de *O processo de democratização* dialogam organicamente com o pensamento ético do Lukács maduro.

Para expor a centralidade do gênero humano no debate acerca da democracia, o filósofo húngaro recorre à sexta tese contra Feuerbach escrita por Marx, a saber:

Feuerbach dissolve a essência religiosa na essência *humana*. Mas a essência humana não é uma abstração intrínseca ao indivíduo isolado. Em sua realidade, ela é o conjunto das relações sociais. Feuerbach, que não penetra na crítica dessa essência real, é forçado, por isso:

1. a fazer abstração do curso da história, fixando o sentimento religioso para si mesmo, e a pressupor um indivíduo humano abstrato – *isolado*.
2. por isso, a essência só pode ser apreendida como “gênero”, como generalidade interna, muda, que une muitos indivíduos de *modo natural* (MARX; ENGELS, 2007, p. 534).

Lukács lança mão da tese contra Feuerbach para fundamentar uma concepção de genericidade humana que não se limita à sua “mudez” enquanto ligação meramente biológica entre os indivíduos e sim que se faz na historicidade das relações sociais. Para melhor amparar sua visão sobre a historicidade da vida genérica humana, o pensador de Budapeste cita a seguinte passagem dos *Manuscritos econômico-filosóficos*:

É sobretudo de evitar fixar de novo a “sociedade” como abstração face ao indivíduo. O indivíduo é o *ser social*. A sua exteriorização de vida – mesmo que ela não apareça na forma imediata de uma exteriorização de vida *comunitária*, levada a cabo simultaneamente com outros – é, por isso, uma exteriorização e confirmação da *vida social* (MARX, 2015, p. 348)

Lukács se apoia ontologicamente em Marx para desenvolver a concepção de que vida genérica e vida individual não são antinomias; o indivíduo é o ser social justamente por isto. Mas, na esteira das reflexões expostas por Marx em seus *Manuscritos*, o autor húngaro coloca no centro de suas análises a ruptura que o modo de produção capitalista promove entre ser social e ser individual tendo a democracia burguesa como forma política funcional a esta cisão (lembramos da “dupla existência”). É neste viés que Lukács (2011) reconhece a importância da categoria de alienação em Marx: “Não é casual que o fenômeno da alienação, ao mesmo tempo econômico, social e humano-individual [...] tenha hoje se tornado um problema sócio-humano universal” (p. 100). A relevância que o problema da alienação tem para Lukács, no sentido de suas reflexões aqui analisadas, pode ser muito bem expressa pelas seguintes passagens dos *Manuscritos*:

Na medida em que o trabalho alienado aliena ao homem 1) a natureza, 2) ele próprio, a sua própria função ativa, a sua atividade vital, assim ele aliena do homem o *gênero*; torna-lhe a *vida genérica* meio de vida individual. Primeiro, aliena a vida genérica e a vida individual e, segundo, torna a última na sua abstração finalidade da primeira, igualmente na sua forma abstrata alienada (MARX, 2015, p. 311)

O objeto do trabalho é, portanto, a *objetivação da vida genérica do homem*, na medida em que ele se duplica não só intelectualmente, como na consciência, mas também operativamente (*werkstätigt*), realmente, e contempla-se por isso num mundo criado por ele. Por isso, na medida

em que arranca ao homem o objeto da sua produção, o trabalho alienado arranca-lhe a sua *vida genérica*, a sua real objetividade genérica (MARX, 2015, p. 313).

O pensador alemão coloca a questão do gênero humano sob a mediação de duas categorias: trabalho e alienação. E é justamente a partir desta tríade que Lukács tece suas análises tanto sobre a reprodução da vida individual e da vida genérica em *Para uma ontologia do ser social*, quanto sobre a democracia burguesa em *O processo de democratização*. Isto nos faz compreender um pouco mais o porquê do pensador húngaro ter interrompido a escrita do primeiro texto para elaborar o segundo: certamente, além de ter sido muito provavelmente motivado pela invasão à Tchecoslováquia em 1968, Lukács também visualizou no debate sobre a democracia a centralidade de um elemento vital para sua *Ontologia*, qual seja, a relação entre gênero e indivíduo.

Tendo exposto sua crítica à democracia burguesa, Lukács coloca no centro do debate a crítica ao stalinismo. Para o autor húngaro, os três principais grupos que disputaram o poder após a morte de Lênin (grupos sob a liderança de Bukharin, de Trotsky e de Stálin) partiam de um mesmo pressuposto: a primazia da tática sobre a estratégia. No entanto, o que conduz a vitória de Stálin sobre seus adversários teria sido sua superioridade aos demais enquanto um taticista. Lukács, para contrapor os métodos de Stálin, recorre diversas vezes a Lênin; sobre a questão da tática e da estratégia, o filósofo marxista, não deixando de mencionar a genericidade humana, diz que, na ótica do líder bolchevique, as decisões táticas são sempre momentos parciais do desenvolvimento histórico do gênero humano (LUKÁCS, 2011). Para Lukács, uma das contraposições de Lênin para com Stálin residia no fato deste último colocar a estratégia em plena subordinação à tática enquanto que o primeiro parte de uma relação dialética entre tática e estratégia. Como Lukács especificaria, então, o método staliniano?

Criticando as formulações de Stálin presentes em *Os problemas econômicos do socialismo na União Soviética*, o autor húngaro considera que o mesmo abandonou a visão marxiana acerca do papel da economia na dinâmica da totalidade social operando, assim, uma concepção da economia enquanto ciência particular. Desta forma, a ciência econômica “perde sua ligação orgânica com o conjunto do destino histórico do gênero humano” (LUKÁCS, 2011, p. 135). Lukács expõe aqui a relação entre base econômica e gênero humano, uma relação cuja importância e significado ético-político aparecerão em breve com maior nitidez.

Detendo-se sobre a questão do taticismo staliniano, Lukács analisa como que este deformou as elaborações de Marx, Engels e Lênin. Aos seus olhos, sob Stalin estabeleceu-se uma espécie de “onipotência da tática”, ou seja, a dominação desta sobre a teoria. O filósofo húngaro cita alguns exemplos para mostrar como Stalin tomava decisões táticas imediatistas e depois criava elaborações teóricas para justificar tais manobras: liquidou-se opositores nos anos de 1930 e depois criou-se a teoria segundo a qual na ditadura do proletariado a luta de classes se aprofundaria, firmou-se o pacto com Hitler em 23 de agosto de 1939 e defendeu-se a posição teórica segundo a qual a guerra era nada mais do que uma disputa imperialista etc. (LUKÁCS, 2011). Podemos afirmar que toda a crítica aos métodos stalinianos desenvolvida por György Lukács gira em torno de seu repúdio à chamada “onipotência da tática”. Neste passo, a principal consequência promovida por este predomínio taticista teria sido a submersão das questões cotidianas e espontâneas da classe trabalhadora:

A solução tática dada por Stalin aos problemas que então se apresentavam foi então o dismantelamento radical de qualquer tendência capaz de se transformar em condição preparatória de uma democracia socialista. O sistema dos soviets deixou na prática de existir. Os principais órgãos do Estado, ainda que permanecessem formalmente democráticos, ganharam uma forma que, com exceção do sistema de partido único, tornava-os bastante próximos dos parlamentos da democracia burguesa; os níveis inferiores do sistema dos soviets reduziram-se a órgãos de administração local, eleitos do mesmo modo que tais parlamentos. Desapareceram assim todas as tentativas ideológicas dos últimos anos de Lênin que visavam a construir uma democracia socialista real. A participação na vida política, na vida social geral, podia agora, no melhor dos casos, atribuir aos indivíduos algo similar ao idealismo do *citoyen*. A tendência dominante na vida dos cidadãos tornou-se, universalmente, a burocratização da práxis política e administrativa (LUKÁCS, 2011, p. 153-154).

Para Lukács, uma coisa era nítida: sob os métodos de Stalin seria inconcebível uma democracia de caráter socialista. Toda “condição preparatória” de uma democracia deste porte só poderia emergir de uma unidade entre tática e estratégia na qual as manobras táticas seriam momentos de um processo universalizante: a simbiose entre a vida cotidiana da classe trabalhadora e a vida social ou, noutros termos, a unidade entre vida individual e vida genérica.

Segundo o filósofo húngaro, o maior exemplo desta simbiose, característica central do que seria a democracia socialista, foram os soviets. Em sua análise, os conselhos foram a maior expressão desta democracia, pois ligavam os trabalhadores às

questões cotidianas imediatas e, aos poucos, faziam com que estas se relacionassem com as questões políticas gerais (LUKÁCS, 2011); neste sentido, é possível afirmar que “o movimento dos soviets foi a forma historicamente específica, originária, da democracia socialista” (LUKÁCS, 2011, p. 175). A nosso ver, o conceito central para compreendermos o significado lukacsiano de democracia socialista, bem como o papel proeminente conferido à experiência dos soviets é o conceito de cotidiano.

Segundo Lukács (2011), no socialismo o cidadão deve ser capaz de realizar sua própria sociabilidade na vida cotidiana, desde os problemas mais imediatos até as questões mais gerais. Esta afirmação se aproxima das assertivas de Marx sobre vida genérica e vida individual enquanto polos unitários. Temos visto como os conceitos de cotidiano e vida cotidiana têm assumido, ao longo dos textos aqui estudados, uma centralidade cada vez mais significativa nas reflexões lukacsianas. Se na *Ontologia*, a “consciência do homem cotidiano” é tratada como expressão da reprodução imediata da vida singular, n’*O processo de democratização* esta “consciência” aparece como mediação essencial para a democracia socialista. Colocamos nestes termos, pois estamos convencidos de que, para o filósofo húngaro, a democracia socialista é justamente a *democracia da vida cotidiana*.

“Tenho falado continuamente da vida cotidiana dos homens” (LUKÁCS, 2011, p. 168), pontua o pensador marxista; e complementa dizendo que somente a partir da perspectiva da vida cotidiana que pode haver uma aproximação aos problemas da democracia socialista (LUKÁCS, 2011). Nosso filósofo de Budapeste pensa desta forma, pois, em seu entendimento, a grande questão posta à transição socialista é: “como se formam socialmente as pessoas capazes de resolver em sua práxis espontânea os problemas socialmente colocados por esta passagem” (LUKÁCS, 2011, p. 181). Considerando que “práxis espontânea” pode ser entendida como “práxis cotidiana”, é cabível dizer que Lukács deposita sua grande preocupação na formação humana sob a sociedade socialista. E poderíamos complementar com o seguinte raciocínio: tendo em vista o que já foi analisado até este momento, é possível conceber que a ética ocuparia um lócus angular neste processo formativo ou, para utilizar termos caros à György Lukács, neste autêntico “tornar-se homem do homem”.

Para Lukács (2011), “duvidar do caráter objetivamente socialista do socialismo real, portanto, é manifestação de insensatez e não passa de calúnia burguesa” (p. 180). Tendo em vista toda a reflexão desenvolvida pelo pensador húngaro em seu texto de 1968, pode-se dizer que tal afirmativa expressa a seguinte concepção: por mais que a estrutura

econômica precise de reformas, a questão central reside na formação humana. Lukács considera que o ordenamento econômico imposto por Stálin foi capaz de promover a total superação do atraso das forças produtivas possibilitando seu desenvolvimento. Estava dado, portanto, o avanço da base objetiva necessária para a efetivação do “reino da liberdade”. Todavia, este mesmo ordenamento econômico não foi capaz de superar o *modo de ser* da formação capitalista (LUKÁCS, 2011). Neste sentido, o filósofo marxista é taxativo: “a construção e o aperfeiçoamento da *dimensão socialista subjetiva* da sociedade continua a ser a grande tarefa do presente e do futuro para todos os que aceitam honestamente o socialismo” (LUKÁCS, 2011, p. 180 grifos nossos).

Para o pensador húngaro, somente uma democracia capaz de penetrar na vida cotidiana dos trabalhadores possibilitaria o desenvolvimento desta “dimensão socialista subjetiva”. Tal democracia só pode se edificar:

[...] quando o ser social – em primeiro lugar o econômico, mas naturalmente não só ele – adquire progressivamente novos conteúdos e formas, capazes de fazer com que as pessoas, habituando-se a eles, comecem a abandonar suas inclinações, convencimentos e modos de agir não verdadeiramente humanos, até mesmo frequentemente anti-humanos, em face de si mesmos e dos seus próximos, passando em consequência a construir a própria vida e as relações com os outros (duas coisas ontologicamente inseparáveis) no espírito de uma autêntica humanização do homem. Sem uma reestruturação do mundo externo cotidiano, esta transformação interna não pode ocorrer; e se tal transformação não se desenvolve em extensão e profundidade, jamais poderá surgir uma sociedade comunista, não importa o elevado nível alcançado pela produção material (LUKÁCS, 2011, p. 190)

A objetividade da reflexão lukacsiana possui nitidamente um norte: o “mundo externo cotidiano”. Em suas palavras, somente uma transformação deste pode alavancar uma transformação interna, ou seja, o desenvolvimento da “dimensão socialista subjetiva”. Qual seria a ponte capaz de interligar “mundo externo” e “mundo interno”? Sem dúvidas, a democracia socialista.

Retomando a relação entre base econômica e gênero humano, mencionada em linhas anteriores, podemos colocar esta problemática nos seguintes termos: vimos que Lukács critica Stálin por distanciar a ciência econômica do processo geral de desenvolvimento da genericidade humana, ou seja, por separar a economia da totalidade social. Distanciando-se do desenvolvimento autêntico da vida genérica enquanto *leitmotiv* estratégico, a estrutura econômica socialista se “autonomizaria” frente ao processo de salto dialético do ser-em-si do gênero para seu ser-para-si, o que, para Lukács, não condiz

com os fundamentos marxianos. Sinalizando este problema, Lukács identifica sua principal consequência: a reprodução imediata dos indivíduos em sua vida cotidiana encontra-se apartada da reprodução do gênero humano enquanto totalidade autoconsciente. Por sua vez, nosso pensador político apresentará como uma possível solução para este problema a democracia socialista enquanto força capaz de promover um duplo movimento: a aproximação tanto da estrutura econômica quanto da vida cotidiana ao desenvolvimento do gênero humano. Por fim, esta dupla aproximação seria a expressão de uma totalidade maior: a unidade entre vida individual e vida genérica ou, usando os termos da *Ontologia*, o gênero para-si.

Inexiste n' *O processo de democratização* uma análise minuciosa acerca da estrutura econômica socialista. Porém, o autor deixa claro que “a relação entre desenvolvimento econômico e transformação do homem” (LUKÁCS, 2011, p. 193) possui caráter central no texto. Neste viés, Lukács pressupõe a necessidade de uma reforma da economia socialista para que a orientação por ele esboçada pudesse se erigir sob a luz do dia, orientação esta caracterizada pela “criação da base da transformação dos indivíduos a fim de que se habituem a uma existência vital digna do homem” (LUKÁCS, 2011, p. 193). Entendendo esta “existência vital” como a vida autêntica de individualidade-generidade tão proclamada pelo filósofo marxista, podemos dizer que, aos olhos de Lukács, uma democracia da vida cotidiana somente poderia se efetivar caso a essência da experiência dos soviets, abafada pela burocratização stalinista, fosse retomada. Neste processo de reforma socialista, o Partido teria um papel fundamental, mas “não se deve certamente esquecer o importante papel que cabe sempre à iniciativa direta das massas” (LUKÁCS, 2011, p. 194)⁷. Para tal, a retomada dos soviets enquanto forma originária da democracia socialista seria essencial, pois a maior potencialidade dos mesmos seria justamente a capacidade de interligar questões imediatas e questões universais pertinentes ao “tornar-se homem do homem”.

⁷ Numa entrevista de janeiro de 1971, Lukács (2011) deixa claro: “Vejo a problemática do ponto de vista da legitimação da democracia e penso que o correto, ao invés de operar com massas submetidas à passividade pelo excesso de dirigismo, é trabalhar para que as massas expressem os seus próprios desejos cada vez mais vigorosamente e com maior convicção” (p. 236).

Considerações finais

Todas as reflexões de György Lukács dialogam constantemente com suas premissas sobre o gênero humano; não temos dúvidas de que este é o núcleo do pensamento lukacsiano maduro. Quando o autor faz a defesa de uma democracia socialista capaz de penetrar na cotidianidade dos indivíduos, o faz tendo em vista os caminhos que em sua opinião devem ser percorridos para o alcance do ser-para-si do gênero. Tendo em vista que na *Ontologia* este gênero para-si é expressão da ética, nos parece pertinente afirmar que o papel exercido por esta na obra referida é o mesmo papel exercido pela democracia socialista n’*O processo de democratização*. Referimo-nos ao papel de mediação entre vida individual e vida genérica. Sendo assim, podemos dizer que as reflexões democráticas expostas neste texto fazem jus ao pensamento ético do Lukács maduro na medida em que este possui como pedra angular a superação da “dupla existência” por uma existência na qual a personalidade singular se desenvolva de forma autoconsciente como momento da vida genérica.

REFERÊNCIAS

COUTINHO, Carlos Nelson. Sobre os textos. In: *Socialismo e democratização: escritos políticos 1956-1971*. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2011.

IASI, Mauro. *Ensaio sobre consciência e emancipação*. 2 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

LUKÁCS, György. A luta entre progresso e reação na cultura contemporânea. In: *Socialismo e democratização: escritos políticos 1956-1971*. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2011.

_____. O processo de democratização. In: *Socialismo e democratização: escritos políticos 1956-1971*. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2011.

MARX, Karl. *Sobre a questão judaica*. São Paulo: Boitempo, 2010.

_____. *Cadernos de Paris & Manuscritos econômico-filosóficos de 1844*. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. São Paulo: Boitempo, 2007.

NETTO, José Paulo. Introdução: sobre Lukács e a política. In: *Socialismo e democratização: escritos políticos 1956-1971*. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2011.